

## Televisão, educação e crianças: os desafios da escola e da família

**Neide Aparecida Arruda de Oliveira**

*Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté. Professora do curso de Comunicação Social das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila.*

**Vanessa Aparecida Ferreira Mariotto**

*Bacharel em Psicologia e Especialista em Psicopedagogia e Psicomotricidade pelo Centro Unisal de Lorena.*

### RESUMO

*Neste artigo busca-se refletir sobre a interface educação e televisão, escola, família e crianças, sem velhos ranços e disputas em determinar quem educa ou não, mas mostrar o desafio que a família e a escola têm a enfrentar para orientar as crianças a assistir e a inferir sobre os conteúdos transmitidos pela televisão. Esta reflexão enxerga a criança como um ser extremamente ativo, porém ainda não maturacionalmente pronta a nível cognitivo e psicológico para ser receptora de determinados programas exibidos, exigindo desta forma um exímio cuidado com a forma e com o conteúdo transmitidos pela televisão.*

### PALAVRAS-CHAVE

*Televisão; Criança; Entretenimento; Educação; Escola; Família.*

### ABSTRACT

*This article looks for reflecting about Education and television, school, family and children, and it does not mind to be Who educates or not, but it tries to show the challenge that family and school have to guide the children to watch TV. This reflection understands the child to be an active human being, but not ready cognitive and psycholoical level to receive some television programs.*

### KEYWORDS

*TV; Children; Entertainment; Education; School; Family.*

O propósito deste artigo é promover uma reflexão sobre como a escola pode auxiliar as crianças a entender a mídia, especificamente a televisão. Magalhães (2007, p. 13) afirma que

Se uma escola não ensina a assistir à televisão, para que mundo esta educando? [...] Se educar exige a preparação dos indivíduos para uma integração reflexiva e crítica na sociedade, como serão integrados cidadãos que não estiverem preparados para realizar de forma crítica àquela atividade a qual se dedicam a maioria de seu tempo?

Para obtermos maior compreensão do que o presente artigo quer propor, torna-se necessário uma explanação sobre a influência da TV na formação da criança.

Segundo Magalhães (2007, p. 18), o que educa é o exercício de viver e conviver em sociedade, desta forma se a escola atualmente, a maior responsável pelo ato de educar, não prepara suas crianças para se tornar cidadãos críticos e reflexivos, como as mesmas irão avaliar essa mídia a qual estão expostas diariamente? Este autor ainda divide a sua angustia afirmando que “[...] É torturante imaginar que uma caixa de sons e luzes possa ter mais influência sobre os nossos filhos do que a nossa palavra e os nossos gestos”.

Porém, realmente é fato que com a globalização e a correria dos pais pela busca incessante de uma colocação no mercado, muitas crianças sejam fardadas aos cuidados de suas babás eletrônicas.

De acordo com Ferrés (1996 *apud* Magalhães, 2007, p. 22), a televisão pode ser considerada um objeto total, ela não frustra, não se ausenta, não abandona, é responsável na maioria das vezes por tranquilizar tensões internas, minimizar os desejos não realizados, isso quando não os anula. É como uma mãe que acaba por ocupar um lugar de destaque em casa, estando sempre à disposição, alimentando o imaginário infantil; sendo desta maneira, um refúgio nos momentos de frustração, tristeza e angústia, nunca exigindo nada em troca.

As formas mais elevadas da comunicação humana somente são porque o pensamento do homem reflete uma realidade conceitualizada. É por isso que certos pensamentos não podem ser comunicados às crianças, mesmo que elas estejam familiarizadas com as palavras necessárias. Pode ainda estar faltando o conceito adequadamente generalizado que, por si só, assegura o pleno entendimento. (VIGOTSKI, 1996 *apud* MAGALHÃES, 2007, p.49).

Sendo assim, o desenvolvimento infantil não é levado em conta pelos adultos e a criança acaba sendo violentada em sua mais íntima relação com o mundo.

[...] Dessa maneira, a violência e a erotização entrariam sem resistência na psique da criança, e seriam incorporadas de maneira deturpada, precipitada. No entanto, os critérios e as referências do que é violento e erótico são sempre baseados no que é violento e erótico do ponto de vista dos adultos. Percebe-se, que na realidade os adultos querem estabelecer para as crianças padrões semelhantes às suas atitudes, inclusive padrões críticos ao meio. Como criaturas não-distintas, mas apenas incompletas (MAGALHÃES, 2007, p.53-54).

A criança aprende com os seus, com o meio, com sua cultura. A TV ensina, mas isso não quer dizer que o que ensina é o correto ou o esperado. Ou seja, a criança é influenciada não apenas pelo que assiste na televisão, mas também os valores transmitidos pela família são medidos nessa relação. A criança não deixa de ser influenciada, mas não é mais influenciada do que permite sua vivência social e experiência compartilhada, nem menos do que a sociedade em que vive deixa que seja. A interatividade social entre emissores e receptores é algo complexo, porém explicável. O grande equívoco por parte dos pais seria conforme afirma Magalhães (2007, p.

53):

Da mesma maneira que os pais insistem em vestir seus filhos com roupas miniaturizadas, acreditando que são cópias menores de adultos, eles acreditam que o senso crítico “maduro” – que proporcionaria ao adulto filtrar e processar as imagens e informações da TV – é proporcional à idade biológica das crianças. Ou seja, as crianças não atingiram o nível da análise crítica – que eles adultos têm - que poderia proporcionar a elas o horror frente a uma violência, ao embarço e a racionalização e a conseqüente anulação do apelo erótico frente a uma cena de sexo. Dessa maneira, a erotização e a violência entrariam sem resistência na psique da criança e seriam incorporadas de maneira deturpada, precipitada. No entanto, os critérios e as referências do que é violento e erótico é sempre baseado no que é violento e erótico do ponto de vista dos adultos. Percebem-se, na realidade, os adultos querem estabelecer para as crianças padrões semelhantes as suas atitudes, inclusive padrões críticos aos meios. Como criaturas não-distintas, mas apenas incompletas.

Não cabe, então, deixar para as crianças assistirem sozinhas o que elas quiserem, mas há a necessidade do acompanhamento dos pais sobre o que elas assistem e a partir daí, discutirem os conteúdos com os filhos. É fato que

[...] a brincadeira possibilita à criança explorar o limite entre fantasia e realidade, entre o “eu” e o “outro”, entre o limite do mundo interior e o mundo exterior. O jogo é uma forma de brincar e as crianças e os adultos jogam com a televisão... é a brincadeira que nos permite um reencantamento das nossas vidas desencantadas [...] (DUARTE, 2008, p.146).

Segundo Duarte (2008), talvez se deve ao sofrimento apresentado pelo mundo real (dor, desemprego, violência, etc.) que as crianças brincam tão intensamente com a TV, porque o mundo de “faz de conta” acaba por amenizar uma realidade dura, proporcionando um pouco de prazer reconfortante e compensador.

Aqui outro ponto merece destaque: quando falamos de vício em crianças, não podemos deixar de pensar na responsabilidade dos pais; estes são autoridades importantes para estabelecer os limites para a ‘brincadeira’ de assistir à tevê. Muitas crianças relatam que não são mais viciadas porque houve uma interferência por parte dos pais [...] (DUARTE, 2008, p.146).

A partir dessa primeira explanação, conclui-se que a programação televisiva das crianças deve ser monitorada pelos pais e estes devem discuti-la com os filhos com o devido cuidado. Se para os pais já é difícil essa missão, imagine para a escola?

Passemos, então, a discutir o papel da escola na educação televisiva das crianças.

Não há escola que tenha em seu currículo uma disciplina denominada “Educação para televisão”. Desde a década de 70, mesmo nos países desenvolvidos como Inglaterra, muitos estabelecimentos de ensino promoveram um ensino sobre televisão e cinema superficial. Já no novo milênio, pouca coisa mudou conforme estudos da Unesco.

A linguagem da televisão é completamente diferente da linguagem de sala de aula. Enquanto nas escolas houve pouca evolução do tradicional quadro-de-giz e do professor, a TV criou uma nova forma de apreensão do mundo. O ritmo dos cortes de cenas nas edições dos programas é cada vez mais frenético(...) O fenômeno *zapping*, em que o telespectador, com o controle remoto à mão, troca de canal em um ritmo rápido durante a emissão, anteriormente associado às inserções publicitárias entre os programas, já ganhou o cotidiano do telespectador, tornando-se uma prática que busca a estimulação sensorial (MAGALHÃES, 2007, p. 73).

Com essa velocidade, a fragmentação da realidade se ampliou, o conteúdo perdeu importância na transmissão das informações, o sentido humano foi alterado em vários aspectos:

[...] não há constrangimentos diante, nem depois, de uma série de pequenas notícias de um telejornal sobre um desastre climático com milhares de mortos e desabrigados em um país asiático, de uma guerra bárbara na África, com corpos ensanguentados nas ruas. No máximo um sentimento de pena e espanto, mas por poucos segundos, substituído, logo a seguir, pela sensação de alegria pelo gol da cobertura esportiva (MAGALHÃES, 2007, p. 74).

Assim, fica difícil para a linguagem da escola competir com a linguagem da TV. Então, o grande desafio da escola é: como despertar o interesse dos jovens, hiperestimulados pela imagem frenética e pela fragmentação da informação enquanto repassa o conhecimento? Aliás, como repassar o conhecimento por um meio que não privilegia o conteúdo, que fragmenta a informação em um ritmo totalmente inadequado para uma sala de aula? Como apoiar um meio historicamente utilizado para o entretenimento, e mais associado ao recreio, para apoiar e até mesmo substituir a sala de aula?

Dessa maneira, não é de se estranhar que os educadores e os comunicadores andassem em caminhos diferentes, convencidos da impossibilidade de usar a TV, de forma eficiente, para a educação. Ao lado desses dilemas, havia ainda o maior de todos [...] a forte interatividade na sala de aula entre o detentor do conhecimento e o aprendiz do saber, e a ausência de interatividade na mediação da TV com o telespectador, mesmo que haja outras formas de participação (MAGALHÃES, 2007, p. 74).

De acordo com Freire (1998, p. 56), a presença e a intermediação dos meios técnicos intervêm de maneira decisiva na configuração da palavra, das relações dos interlocutores. Na televisão, as relações são impessoais, os interlocutores são anônimos, as funções e os espaços de intervenção do emissor e do receptor são mais definidas, o que não exclui formas de participação diferenciadas. A planificação e a institucionalização da produção significam seguramente a construção de linguagem específica e relações particulares.

Assim foi inevitável a necessidade de a escola formar grupos de educadores e comunicadores para, enfim pensar em estratégias de como utilizar a televisão em sala de aula.

Para auxiliar os educadores a entenderem o processo de inclusão não só da televisão em sala de aula, mas pensarem sobre o momento tecnológico pelo qual estamos passando, seguem algumas reflexões abaixo.

A compreensão da televisão como um dos principais meios de aquisição de informações orienta a nossa observação para a forma especial como essa aquisição acontece. Ao contrário da leitura de livros, orientada no sentido do alfabeto (horizontalmente, da esquerda para a direita), a leitura televisiva ocorre por meio de olhadas rápidas. A imagem é percebida pelo telespectador por meio da junção de pontos dispersos na tela, diz-nos Kerckhove (1997, p. 48). As crianças que estão muito acostumadas com a percepção das imagens televisivas tentam utilizar o mesmo processo para a leitura dos textos impressos. Isso não dá certo. A linguagem da TV responde à sensibilidade dos jovens e da maioria da população adulta. São dinâmicas, dirige-se antes à afetividade do que à razão. O jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender. Toda a sua fala é sensorio-visual do que racional e abstrata. A leitura requer prática repetitiva e capacidade interpretativa, por isso necessita de orientação dos pais, dos educadores ou de pessoas capazes de mediar o conteúdo televisivo e a criança .

Segundo Reeves e Nass (1996), nossa primeira forma de compreender é emocional. Primeiro assustamo-nos e só depois analisamos o que vemos na mídia, utilizando nosso raciocínio. Os acervos de lembranças e de conhecimentos vivenciados, ao serem recuperados, trazem à consciência as emoções e as circunstâncias do momento em que ocorreram, tornando a mensagem original e individualizada. Assim, um mesmo som pode ser, para algumas pessoas, entendido como barulho e para outros como música. Diante de uma mesma história algumas pessoas sorriem e outras choram. São respostas afetivas individualizadas às provocações comunicacionais proporcionadas pela mídia de maneira geral. Nessas respostas emocionais há também um lado coletivo. A emoção pode provocar uma aproximação maior entre a informação e a pessoa. Um clima de identidade em que a pessoa funde suas próprias experiências e anseios na história contada e vivida por outrem, mesma que essa história seja pura ficção. Esse clima de identidade e empatia vivenciado com as imagens televisivas pode facilitar a adoção de modelos de comportamentos, transferidos da narrativa do vídeo para a vida real. Por isso, esses modelos precisam ser vistos com cuidado para não se afastar demais da realidade próxima das pessoas a quem o programa se dirige, principalmente as crianças que ainda estão em formação.

Diante da mudança constante das tecnologias, a aprendizagem contínua é conseqüência natural do momento social que vive e diante dessa realidade, o papel do professor e da escola também se altera. Muitas escolas e professores já sentiram que precisam mudar a maneira de ensinar. Eles têm que se adaptar ao ritmo e às exigências educacionais dos novos tempos. Colocam-se profissionalmente como mestres e aprendizes, com a expectativa de que por meio da interação estabelecida na comunicação didática com os alunos a aprendizagem aconteça para ambos, afirma Kenski (2000). O papel da escola no atual estágio da sociedade tecnológica, baseada nas tecnologias da informação e da comunicação, volta-se para a construção de uma sociedade que tenha a inclusão dos meios de comunicação de massa como uma das prioridades, como tem sido a inclusão dos analfabetos, a dos professores leigos, a dos portadores de necessidades especiais. A escola junto a seus gestores têm que preparar grupos de estudos compostos por diversos profissionais (comunicadores e professores) para pensar em estratégias que incluam a televisão e os outros meios de comunicação de massa em sala de aula. As tecnologias da informação e da comunicação devem ser utilizadas para integrar a escola e a comunidade, de tal forma que a educação mobilize a sociedade.

Antes de chegar à escola, a criança já passou por processos de educação importantes: o familiar e o da mídia eletrônica. Os pais, principalmente a mãe, facilitam ou complicam, com suas atitudes e formas de comunicação mais ou menos maduras, o processo de aprender a aprender dos seus filhos. A criança é educada também pela mídia, principalmente pela televisão. Aprende a informar-se, a conhecer os outros, o mundo, a si mesma vendo as pessoas na tela, que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. A relação com a mídia eletrônica é prazerosa, ninguém obriga, é feita por meio da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa; aprendemos vendo as estórias dos outros e as estórias que os outros nos contam. Mesmo durante o período escolar, a televisão mostra o mundo de outra forma, mais fácil, agradável e compacta, sem precisar de muito esforço. “Educa” enquanto nos entretém. A educação escolar pode compreender e incorporar mais as linguagens, desvendar seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias que facilitem a evolução dos indivíduos. Se a educação fundamental é feita pelos pais e pela mídia, nesse caso especificamente a televisão, urge ações de apoio aos pais para que incentivem a aprendizagem dos filhos desde o começo da vida deles, por meio do estímulo, das interações, do afeto. Quando a criança chega à esco-

la, os processos fundamentais de aprendizagem já estão desenvolvidos de forma significativa. Urge também a educação para as mídias, principalmente para a televisão, para compreendê-las, criticá-las e utilizá-las de forma mais abrangente possível. Educar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais de ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos apenas um verniz de modernidade, sem mexer no essencial.

A aula expositiva é um procedimento de ensino que, usado oportunamente, pode apresentar excelentes resultados, mas se abusamos dela, tornamo-la permanente, nossos alunos aprenderão muito menos do que poderiam. Pior ainda, aprenderão a repetir informações, como elas estão nos manuais. Se a educação é para a vida, de pouco serve saber repetir de memória uma informação qualquer. Mas proceder de modo a resolver as dificuldades do dia a dia é uma capacidade muito valiosa. Ora, a predominância da aula expositiva é apenas um dos traços mais visíveis de um sistema de ensino cujo sentido é manter tudo como está, ou seja, repetição de informações. Por isso, devemos introduzir em sala de aula, filmes que estejam relacionados ao conteúdo que se quer desenvolver. O filme foi inicialmente usado inadequadamente em sala de aula quando faltavam professores e tinha-se uma lacuna no horário. Ou ainda quando no final do período letivo, o professor já estava cansado, então passava o filme como uma forma de fazer os alunos ficarem em silêncio. Após as sessões do filme, nada era discutido; não havia uma finalidade nem um objetivo a ser alcançado.

Um livro, tanto quanto um filme ou um vídeo, pode conter o melhor e o pior. Todos são veículos que podem ser utilizados no ensino, e uns não são necessariamente melhores que os outros, o que importa é a política cultural e a ação docente.

Vivemos hoje imersos em imagens e é imperativo da modernização desenvolver, nas instâncias educacionais, setores de criação de ensino capazes de difundir criticamente saberes e tecnologias que permitam examinar o mundo por meio das representações iconográficas. À educação cabe também se ocupar do desenvolvimento de um repertório de imagens que demarcam épocas, lugares, sociedades e conceitos básicos, até chegar à autoexpressão e ao conhecimento.

Para finalizar essa reflexão, podemos observar que ao incluir a TV no espaço de sala de aula, mudam-se as relações de hierarquia, cria-se um espaço possível para o trabalho de grupo, para a discussão do processo educativo e dos objetos de ensino. O educador terá mais tempo para observar os processos de aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos e isso poderá levar o educador a compreender que o conhecimento pode ser apreendido, mas dificilmente pode ser transmitido. Transmissão não se completa com recepção e esta é uma atividade do outro que inclui outra experiência, original e única. O educador e a escola poderão descobrir que o conhecimento é o resultado da habilidade de estabelecer múltiplas relações, incluindo o novo no pré-existente.

No mundo contemporâneo, marcado pelas tecnologias e pelos meios de comunicação de massa, urge ações das instituições escolares, dos educadores e da família quanto a novas formas de se educar o ser humano.

Querendo ou não, somos “educados” e “influenciados” pela mídia, embora não somente por ela. Na escola, podemos compreender e incorporar mais e melhor as novas linguagens, desvendando os seus códigos, suas possibilidades expressivas e possíveis manipulações. A partir

dessa reflexão, cabe a todos nós tentar desenvolver habilidades e atitudes para compreender os processos midiáticos, principalmente o da televisão, já que atinge a maioria da população, resistir a eles quando for o caso e utilizá-los colaborativamente. Assim estaremos nos preparando para o futuro.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, Rosália (Org). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Sônia. **Cinema: imagem/tempo/movimento**. Brasília: MEC/Seed. 1998.

KENSKI, V. M. Educação para a sociedade da informação. In: LIVRO Verde. Brasília: MCT, 2000.

KERCKHOVE, D. **A pele da cultura**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

MAGALHÃES, Cláudio Márcio. **Os programas infantis da TV: teoria e prática para entender a televisão feita para as crianças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

REEVES, B.; NASS, C. **The media equation: how people treat computers, television and the new media like real people and places**. Stanford: CSLI, 1996

